

MÉTODOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE ESPECTRO AUTISTA

Jelcilene Moreira França de Matos¹
Maria Cecília Martinez Amaro Freitas²

Resumo

O Transtorno de Espectro Autista consiste em uma disfunção neurológica que vem se apresentando cada vez com maior frequência na sociedade, devido a isso é necessário discuti-lo, bem como a forma de lidar com ele, principalmente no ambiente escolar. Nesse sentido, este estudo de cunho bibliográfico visa compreender os métodos e estratégias que podem ser utilizados de maneira eficaz no ensino e aprendizagem de crianças com TEA. Dessa forma, o estudo inicialmente define o conceito de TEA e suas características; logo se apresenta os métodos e estratégias indicados para o ensino de crianças com TEA e, finalmente, discute as dificuldades e estratégias para ensinar crianças com esse transtorno. A pesquisa aponta como os métodos e estratégias de ensino são importantes para a qualidade de vida de crianças com TEA e de todos que com ele mantém o convívio, podendo melhorar os aspectos cognitivos, afetivos, no comportamento, na comunicação, na interação social, na linguagem e habilidades motoras, entre outros. Esta proposta de ensino possibilitou recursos para aplicar no ensino e aprendizagem para as crianças com TEA sendo primordial o acompanhamento dos pais e o trabalho multiprofissional, pois eles possuem um papel importante na vida dos educando.

Palavras-chave: TEA, professor, desafios.

INTRODUÇÃO

No processo de aprendizagem formal de uma criança se consideram diversos aspectos, não se restringindo apenas ao seu cognitivo, visto que a aprendizagem é um processo multifacetado e pode apresentar diversos desafios. Entretanto, quando a criança apresenta algum déficit ou transtorno no campo do neurodesenvolvimento, esses desafios se intensificam como é o caso de crianças que apresentam o denominado Transtorno de Espectro Autista - TEA, um transtorno que, segundo estimativas científicas, tende a crescer em nossa sociedade.

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2018-2

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

Nesse sentido, autores como Coelho e Santos(2006),Muszkat et al (2014)Viera e Baldin (2017) têm realizado estudos que ajudam a compreender melhor esse transtorno e a compreender o neurodesenvolvimento infantil.

Sá et al (2017) apontam métodos e abordagens que podem ser utilizados para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de crianças com TEA e mostram que essas abordagens auxiliam no desenvolvimento cognitivo, afetivo, no comportamento, na interação social, entre outros aspectos.

A proposta deste estudo bibliográfico é poder compreender os métodos e estratégias que podem ser utilizados de maneira eficaz no ensino e aprendizagem de crianças com TEA. Nesse sentido, inicialmente se define o conceito de TEA, bem como suas características; logo se apresentam os métodos e estratégias para o ensino de crianças com TEA e,finalmente, discutem-se as dificuldades e estratégias para ensinar crianças com TEA.

1. O Transtorno de Espectro Autista e suas características

O termo autismo foi cunhado por Kanner em 1943. O estudioso propôs inicialmente que ele ocorresse pela distorção do modelo familiar que provocava alterações no desenvolvimento psicoafetivo na infância. O pesquisador acreditava que o transtorno se manifestava devido a um fator biológico contido na criança (TAMANAHA et al, 2008)

Kanner primeiramente o denominou como

Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino (TAMANAHA et al, 2008 p.296).

Posteriormente, em 1978, analisando e observando o comportamento dos indivíduos autistas para um melhor diagnóstico, presenciaram-se alterações na linguagem ou ausência na comunicação, comportamentos inadequados do que se esperava com rituais e compulsividade. Esse aparecimento pode ser identificado na criança precocemente antes dos 30 meses (KENNER apud TAMANAHA et al, 2008)

Com os avanços da pesquisa nessa área a própria nomenclatura do autismo foi modificada, assim como suas características melhor definidas. Passou então a ser denominado Transtorno de Espectro Autista (TEA). O DSM-5 (2014) assim o refere agregando categorias anteriormente descritas pelo DSM-4 (autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo, transtorno global do desenvolvimento) em uma única categoria: Transtorno do Espectro do Autismo (MUSZKAT et al 2014)

Ele é considerado uma disfunção neurofisiológica que até hoje se estuda para poder encontrar sua origem, ainda desconhecida. Alguns pesquisadores analisam o transtorno como decorrente de alterações bioquímicas, já outros destacam que ele surja por fatores hereditários ou por doenças advindas antes do nascimento. Resultante de uma alteração do desenvolvimento embrionário o autismo não pode ser diagnosticado no pré-natal, não tem como ser diagnosticada por traços físicos, nem nas primeiras semanas ou meses de vida. (COELHO; SANTOS 2006)

Até momento, sabe-se que o TEA pode ser diagnosticado em qualquer criança, que apresenta graus maiores ou menores de gravidade e vem acompanhado de alteração no desenvolvimento da linguagem e interação social. (VIERA; BALDIN, 2017).

Muszkate et al (2014) explicam que o TEA consiste em um transtorno do neuro desenvolvimento e suas manifestações comportamentais dificultam a capacidade de interação social e a comunicação, ficando evidentes os comportamentos repetitivos e estereotipados.

O TEA tem comprometimento no intelecto e também na linguagem tornando às vezes difícil, incompreensível ou incapaz de construir frases corretas. Além disso, o transtorno pode vir associado à comorbidades.

Segundo o DSM-5(2014)

cerca de 70% das pessoas com transtorno do espectro autista podem ter um transtorno mental comórbido, e 40% podem ter dois ou mais transtornos mentais comórbidos). Quando critérios tanto para TDAH quanto para transtorno do espectro autista são preenchidos, ambos os diagnósticos devem ser dados. O mesmo princípio aplica-se a diagnósticos concomitantes de transtorno do espectro autista e transtorno do desenvolvimento da coordenação, transtornos de ansiedade, transtornos depressivos e outros diagnósticos de comorbidade. (DSM-5, 2014, p.59).

O diagnóstico explicado pelo o DSM-5 sobre o TEA destaca que o indivíduo que o possui apresenta déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contexto.

- ❖ Pode possuir grande dificuldade sócio emocional e também dificuldades para estabelecer uma conversa normal, compromete as emoções ou afeto e dificulta o indivíduo para iniciar ou responder a interações sociais.
- ❖ A comunicação fica reduzida, na conversa verbal e não verbal encontra dificuldades em manter o contato visual, linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso de gestos, mantém ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
- ❖ Manter e compreender relacionamento são bastante complexos, têm alguns déficits, por exemplo, dificuldade no comportamento para se adequar a contextos sociais, na interação com as brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares. (DSM-5.2014 p.50).

A gravidade do TEA na atualidade, descrito pelo DSM-5, expressa-se através de comportamentos restritos e repetitivos e da comunicação social prejudicada como:

- ❖ Movimentos prejudicados, fala estereotipada ou repetitiva, repetições motoras simples, enfileirar brinquedos, frases dissociadas, fixação por objetos ou girar objetos.
- ❖ Fixação pelas mesmas coisas, adequação por rotinas ou padrões de comportamento verbal ou não verbal, sofrimento a mudanças, rituais de saudação, gosta de usar o mesmo trajeto ou comer os mesmos alimentos diariamente.
- ❖ Interesses intensificados anormais com foco, apega facilmente por objetos e se preocupa, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva fascinação visual por luzes ou movimento. (DSM-5.2014 p.50).

Essas gravidades se manifestam no período do desenvolvimento, porém se desde cedo a criança for estimulada por estratégias, essas manifestações tornam-se

mascaradas, a criança ou adolescente deixa de ser plenamente comprometida. (DSM-5.2014)

As alterações que se manifestam na interação social do indivíduo se caracterizam como primordial em quem possui o transtorno, causando enormes prejuízos nas adaptações sociais, nos comportamentos e no desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal. Para a neuropsicologia a adaptação ao meio relaciona-se com a cognição social e para obter a cognição social é necessário o processo cognitivo, a atenção, memória e linguagem (MUSZKAT et al 2014).

Sendo assim, é necessário um olhar interdisciplinar para dar o diagnóstico do transtorno, tendo um acompanhamento especializado, não somente do psiquiatra ou psicólogo e sim de outros profissionais como: pedagogo, neurologista, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e neuropsicólogo. (MUSZKAT et al 2014). Toda essa gama de profissionais que se ocupa de lidar com indivíduos autistas mostra a complexidade do transtorno. Além disso, percebe-se que a criança que o apresenta necessita de apoio e direcionamento especializado quando o tema é educação, devido as características muito específicas que o TEA apresenta.

2. Métodos e estratégias para o ensino de crianças com TEA

O processo de aprendizagem de qualquer criança envolve vários aspectos como cognitivos, emocionais, psicomotores, e no caso de crianças com TEA esses aspectos também se apresentam. Contudo, pela especificidade do transtorno, a escola precisa estar atenta ao desenvolvimento dessa criança, aplicando métodos adequados para sua aprendizagem.

As crianças com TEA podem apresentar várias formas de aprendizagem, algumas não aprendem de forma satisfatória com o ensino tradicional, portanto será preciso aplicar outras práticas de ensino juntamente com o lúdico ou não. Os profissionais devem compreender que a forma como elas aprendem é variável, pois nenhuma criança é igual a outra, por isso é necessário buscar métodos e estratégias de ensino que as atendam. Com isso, percebem-se os desafios que os professores enfrentam em sala de aula e que precisam de fato lançar mão de intervenções pedagógicas. (MAGALHÃES et al 2017).

Nas crianças com TEA, as informações disponibilizadas pelo professor nem sempre são absorvidas ou correspondem ao esperado, dificultando, muitas vezes, a possibilidade de gerarem conhecimentos com sentido. É comum que apresentem déficits motores e, na maioria dos casos, precisam de intervenções acadêmicas, desde a simples tarefa de segurar um lápis ou até mesmo para realizar atividades de participação, necessitam de motivação para realizá-las. (COSTA ,2017).

Já na criança com TEA de alto desempenho as informações disponibilizadas é melhor absorvidas, mas também será necessário o uso de estratégias e métodos, deveriam pensar em uma elaboração de atividades que se adéqua ao seu quadro clínico, pois o grau de aprendizagem poderá ser maior do que aos demais pode apresentar frases mais completas e seus aspectos como a linguagem poderiam estar preservados e seus aspecto cognitivos também, mas permaneceriam as dificuldades sócias. (HERRERA; 2004)

De acordo com Associação de Amigos Autistas (AMA) os tratamentos e intervenções para o TEA mais conhecidos e mais utilizados e que apresentam comprovação científica são: Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos(**TEACCH**), Sistema de Comunicação através da Troca de Figuras (**PECS**)e a Análise Aplicada do Comportamento(**ABA**). (SÁ et al 2017)

O **TEACCH** ensina a criança a comunicar-se, se organizar e se relacionar socialmente, auxilia e ajuda na rotina que é organizada em quadros, painéis ou agendas, na organização do ambiente, conforme as tarefas diárias. Evita as alterações na criança melhorando sua aprendizagem, essa proposta de tratamento possibilita um programa individualizado, tornando-a cada vez mais independente. Esse método tem se mostrado eficiente trazendo resultados acima do esperado. (SÁ et al 2017)

O **PECS** vem sendo aplicado para melhorar a comunicação de forma funcional, por intermédio de trocas de figuras, ajuda na compreensão da linguagem faz com que ele perceba a voz como algo importante, visa mostrar para a criança que ela pode conseguir muito mais as coisas que deseja através da fala, propõe instigar a criança a falar, ensina também a estrutura da linguagem, passa a utilizar figuras para representar algo que seja por ações ou objetos, abre oportunidades da crianças mostrar suas necessidades e ser compreendida. (SÁ et al 2017)

Há algum tempo já vem sendo utilizado o método Análise Aplicada do Comportamento (ABA) na Psicologia, permitindo analisar o comportamento e desenvolver habilidades como: cognição, comunicação, no aspecto social e, conseqüentemente, trazendo a melhora de vida. Este ensino vem sendo campeão em procura principalmente nos Estados Unidos. Ele busca desenvolver as potencialidades gradativamente durante a utilização da técnica na rotina do TEA, permitindo que seja treinado conforme as habilidades da criança, estas são divididas em atividades simples para realizar as associações de forma mais fácil e eficiente. Utiliza-se da recompensa para reforçar comportamentos corretos instigando-a a repetir a mesma resposta. A criança nesse processo pode precisar de um apoio físico, porém não duradouro para que ela não se acostume. Este método rejeita punições e necessita da família para os melhores resultados (SÁ et al 2017)

Devido as dificuldades de aprendizagem que alguns TEAs apresenta atualmente propõe utilizar-se, como forma de auxiliar no ensino-aprendizagem, o desenvolvimento de jogos por meios de tecnologias interativas baseada nos princípios da Análise Aplicada do Comportamento – ABA, um método que vem sendo bastante aplicado na educação com os TEAs. Este trabalho com jogos promove a satisfação de forma menos convencional e dinâmico, contribui no desenvolvimento cognitivo e pode melhorar a comunicação da criança. (SÁ et al 2017)

O Teamat é um jogo educacional que auxilia a aprendizagem de crianças com TEA baseado nos princípios ABA, possui como objetivo principal o ensino da matemática, com os conteúdos de contagens, formas geométricas e cores. Mostra-se como uma estratégia de intervenção na tentativa de instigar seu potencial na escola bem como na vida social e emocional. (SÁ et al 2017)

O G-TEA é outro jogo baseado no método ABA, utiliza-se no auxílio da aprendizagem principalmente na criança com grau severo, proporciona interação de forma natural e intuitiva, tem como objetivo fazer aprender as cores, os números, as letras e os sons. (NETO;2013)

Os métodos, até agora citados, mostra-se como mais recentes, contudo, existem outras técnicas que foram implementadas anteriormente e que ainda se utilizam, como: Comunicação Facilitada -FC-, o computador e a Integração Sensorial –SI.

A **FC** foi desenvolvida na Austrália pensando em pessoas com paralisia cerebral, mas igualmente é utilizada com indivíduos com TEA. Essa comunicação ocorre por meio do computador com o uso do teclado, transmitindo seus pensamentos através da ajuda de um facilitador que também oferece um apoio físico. Conforme a evolução da criança pode-se introduzir o quadro negro, depois o lápis e o papel. (MELLO, 2005)

O uso do computador para o TEA é mais recente, pode ser rejeitada por alguns, porém a forma que cada criança aprende é diferente, uns podem se fixar em figuras e sons e outros não. Em São Paulo a Associação de Amigos do Autista -AMA- desenvolveu uma técnica utilizando o computador para crianças com TEA para trabalhar a escrita de crianças que já tinham adquirido a leitura. Percebia-se que essas crianças não conseguiam adquirir a escrita por desinteresse e também por apresentarem dificuldades na coordenação motora fina, porém os métodos tradicionais para tentar desenvolver a escrita não se mostravam eficazes. Através do computador obtiveram resultados positivos aplicando programas como o “Paint Brush ou Paint”.(MELLO, 2005)

Nos Estados Unidos **SI** é muito usada por terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogas que se utilizam de brincadeiras com movimentos, equilíbrio e sensações tátil como: massagens, vibradores, balanços, gangorras, trampolins, escorregadores, túneis, cadeiras giratórias, bolas terapêuticas grandes, brinquedos, argilas, entre outros. Esse método ajuda a ensinar brincando fazendo-o compreender e se organizar, adquirindo conhecimento através das sensações. (MELLO, 2005)

Todavia, existem outros tratamentos, como os psicoterapêuticos, fonoaudiólogos, equoterapias, musicoterapias que auxiliam no desenvolvimento da criança com TEA, isso dependerá da visão de cada profissional, pois estes tratamentos serão contínuos. Entretanto, há relatos por parte de pais que não obtiveram sucesso no tratamento, mas que se mostraram como formas de relaxamento. O atendimento especializado é importante principalmente antes da entrada na escola, pois ajuda as crianças com TEA a desenvolver consciência de si mesma. (MELLO, 2005)

3. Desafios e estratégias para ensinar crianças com TEA

Para compreender como o professor lida em sala de aula com crianças com TEA recorreu-se a pesquisas realizadas sobre essa temática. Uma pesquisa realizada por 37 professores que atuavam com educandos com TEA, com idade entre 4 e 15 anos, distribuídos entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas em seis cidades de quatro estados brasileiros, pela Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Instituto Federal de Santa Catarina Florianópolis, Universidade do Planalto Catarinense Lages, Universidades Federal de Santa Catarina Florianópolis, e Universidade Federal de Santa Maria analisou as concepções e práticas na lida com os TEAs nos trabalhos dentro de sala de aula em classes regulares, visando verificar e acompanhar a inclusão atual em escolas. (SCHMIDT, 2016)

Na análise, percebeu-se que os alunos com TEA que possuíam prejuízos sociais na comunicação e eram sujeitos que “viviam em um mundo à parte”, em “uma realidade paralela” constituíam 21,6% do universo pesquisado, os que demonstravam comportamentos de isolamento, retração e distanciamento social apresentavam o mesmo número, 21,6%. (SCHMIDT, 2016). Isso se traduz em um grande número de crianças com TEA com características mais severas do transtorno e maior dificuldade dos professores para lidar com elas.

Alguns professores entrevistados relataram essas características como um dos motivos que impedem uma intervenção pedagógica mais adequada ou aproximação dos colegas, devido ao isolamento total. Os professores destacaram enormes desafios à inclusão devido aos comportamentos inadequados que o TEA apresenta, como: choro, bater nos colegas, puxão de cabelo, mordida ou auto mordida, além de golpes com a cabeça na porta. Esses comportamentos foram destacados como imprevisíveis, (SCHMIDT, 2016).

Devido às dificuldades em lidar com os comportamentos inadequados em sala de aula os professores mostraram intensa frustração e medo. Essa dificuldade está relacionada ao despreparo na formação, por isso é importante que a gestão esteja atenta a inclusão possibilitando preparo para os professores e os professores devem procurar compreender o TEA e buscar continua formação para atender da melhor forma possível no processo de ensino desse aluno. Os docentes chegaram a relatar que não

estariam preparados para os comportamentos inadequados, bem como destacaram a dificuldade de planejar, ensinar e avaliar a aprendizagem desse aluno. (SCHMIDT, 2016)

Todavia, no entendimento dos próprios professores pesquisados, ressalta-se a necessidade do conhecimento sobre o TEA para melhor atendê-lo, buscando a persistência no ensino e alternativas pedagógicas que despertem o interesse da criança, como o uso de recursos visuais. Isso pode facilitar o interesse do aluno para a aprendizagem dos conteúdos e reduzir os comportamentos inadequados. Pelos relatos, verificaram-se que as práticas alternativas de ensino utilizando os recursos visuais e com temas de interesse da criança tiveram mais resultados que as estratégias tradicionais. (SCHMIDT, 2016, p.229, 230)

As estratégias de ensino usadas pelos professores que obtiveram maiores resultados foram as atividades planejadas de acordo com os gostos e preferências do aluno, por exemplo, se ele gosta de robôs, separa-se uma série de robôs se recorta. Essas estratégias de atividades destacadas têm relação com o método ABA que propõe atividades conforme as habilidades já adquiridas pela criança, instigando assim seu potencial gradativamente; possuem igualmente relação com o método PECS, pois propõe instigar a criança a falar ensinando a estrutura da linguagem através de figuras que representem ações ou objetos, abrindo a oportunidade de a criança mostrar suas necessidades e ser compreendida. Em destaque, os professores entrevistados afirmaram que a alfabetização constitui o maior desafio. (SCHMIDT .2016).

Outra pesquisa observada efetivou-se na escola pública do Município de Juazeirinho-PB e em duas escolas do Município de Cuité-PB. Foram feitas entrevistas no período 15 de julho de 2016 a 18 de outubro de 2017 pela a Universidade da Paraíba Centro de Educação-UEPB - CEDUC Departamento de Educação, pelo o curso de especialização em desenvolvimento humano e educação escolar. (MARIANO, 2017, p.29)

Foram realizadas observações da metodologia desenvolvidas pelos professores que atendem alunos com TEA. As dificuldades relatadas em sala de aula são de interação, algo comum pelas características do transtorno. Como estratégias de ensino, os professores desenvolvem jogos, usam computador, blocos lógicos ou atividades que

despertem o interesse. Contudo, ainda assim relataram dificuldades devido à demora no estabelecimento de vínculo de confiança com o aluno. (MARIANO, 2017)

Durante essa pesquisa foram interrogados também os gestores para saber como a escola recebe estes alunos. Eles afirmaram que na escola há bastante diálogo entre professores e pais, tentando acolhê-los para melhor compreender suas demandas. (MARIANO,2017). Dessa forma, compreende-se que a gestão escolar deve procurar saber mais sobre o TEA, suas características, habilidades, propondo uma estruturação física adequada, e um tutor para cada criança, formação para os professores e equipe da escola, sendo sensível em aceitar a inclusão e dar o apoio necessário (MARIANO,2017)

Nas escolas da Paraíba pesquisadas percebeu-se que a utilização de jogos foi bem frequente, bem como o uso do computador baseado no método ABA. Além disso, observou-se que as estratégias usadas em sala de aula foram além de uma proposta tradicional, alcançando assim melhores resultados de aprendizagem. Outra ação observada foi a troca de experiências entre os professores para aprimorar as práticas de ensino (MARIANO, 2017)

A partir dos estudos consultados, reconhece-se que o processo de inclusão precisa abarcar conhecimentos sobre o indivíduo e suas especificidades, iniciando pelo planejamento, práticas docentes adequadas, adaptação de atividades e conhecimento sobre a rotina do aluno. (MAGALHÃES et al 2017). Além disso, o profissional da educação precisa ser preparado para acolher esse aluno de forma significativa, as instituições devem saber como receber as crianças com TEA para traçar as abordagens adequadas às necessidades de cada aluno, sem deixar de contar com um acompanhante especializado, um trabalho multiprofissional para realizar intervenções e, principalmente, o apoio familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender os métodos e estratégias que podem ser utilizados de maneira eficaz no ensino e aprendizagem de crianças com TEA, e percebem-se que a literatura científica sinaliza diversas formas de concretizar esse aprendizado de forma satisfatória.

Compreende-se que é um transtorno crescente que apresenta características muito peculiares que podem variar em diferentes graus de intensidade comprometendo em maior ou menor escala a convivência do indivíduo, embora seja perceptível comum o comprometimento do contato afetivo. Entretanto, também pode apresentar potenciais cognitivos elevados.

Visto a necessidade de um acompanhamento especializado para o ensino-aprendizagem, nota-se a presença de diversos métodos e estratégias que podem ser adotados, como é o caso da ABA, que podem auxiliar no avanço e desenvolvimento em diversos aspectos que podem proporcionar à criança interação social e crescimento cognitivo através de adaptações que considerem sua realidade e gosto.

Todavia, é notório perceber o quanto é desafiador para um professor lidar com os alunos que possuem TEA, visto que muitos se encontram despreparados e sem suporte estrutural e emocional para trabalhar com as características que esse aluno apresenta. Dessa forma, cabe à escola se instrumentalizar, bem como preparar o professor através de cursos e palestras com profissionais da saúde que possam esclarecer como enfrentar as demandas específicas dos alunos com TEA atendidos por eles.

Além disso, para que o TEA aprenda de forma significativa, necessita-se do vínculo entre professor e aluno, visto que a afetividade interfere na aprendizagem. Por meio do vínculo afetivo é possível conhecer melhor o aluno e identificar suas peculiaridades para, a partir de então, auxiliá-lo e estimulá-lo na sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual de Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais 5ª edição DSM-5**. Porto alegre: 2014.

COELHO, Madalena; SANTO, Antónia Espírito. "Necessidades Educativas Especiais de Carácter Permanente/Prolongado no Contexto da Escola Inclusiva".

Centro de Formação Contínua de Professores de Ourique, Castro Verde, Aljustrel e Almodôvar. Trabalho no âmbito da Acção de Formação nº 07/2006:novembro/2006: disponível em

:<file:///C:/Users/User/Documents/planos%206%20periodo/Trabalho_Final_-_Autismo_Antónia_Madalena.pdf>

COSTA, M. **Estratégias de Ensino para pessoas com TEA no ambiente escolar.** Portal comporte-se – Psicologia e análise do comportamento, 6 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2017/03/estrategias-de-ensino-para-pessoas-com-tea-no-ambiente-escolar>>. Acesso em: 1 abr. 2018.

[estratégias de ensino para pessoas com tea no ambiente ...](#)
www.comportese.com

HERRERA, Simone Aparecida Lopes. **Avaliação de estratégias para desenvolver habilidades comunicativas verbais em indivíduos com autismo de alto funcionalidade e síndrome de asperger.** Universidade federal de São Carlos Centro de educação e ciências humanas programa de pós-graduação especial. São Carlos , 2004.

MAGALHÃES, Célia de Jesus Silva et al. Práticas inclusivas de alunos com tea: principais dificuldades na voz do professor e mediador. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 21, n. esp. 02, p , nov Disponível em: < E-ISSN: Submetido em: 09/09/2017 Aprovado em: 21/09/2017 DOI: /rpge.v21.n.esp

MARIANO; Ivanildo Pereira. **Inclusão da criança autista na escola: visão de docentes sobre o processo.** Universidade de estadual da paraíba Centro de Educação- CEDUC departamento de educação. Campina grande-PB, 2017.

MELLO, Ana Maria S. Ros de, Autismo: guia prático, 4. Ed. São Paulo: Ama; Brasília: CORDE, 2005. 103 p.: il.

MUSZKAT, M.; ARARIPE, B.L.; ANDRADE, N.C.; MUNOZ, PO.L.; MELLO, C.B. **Neuropsicologia: teoria e prática.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NETO; Otílio P. DA S et al. **G-tea: uma ferramenta no auxílio da aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista, baseada na metodologia aba.** xii sbgames – São Paulo – sp – Brazil, october 16-18,2013. Disponível em:<www.sbgames.org/sbgames2013/proceedings/cultura/culture-18_full_g-tea.pdf

SÁ;Fernanda Alves, SOUSA ; Alcilene Dalília de, JÚNIOR; Everaldo Barbosa da Silva,Silva; Romuere Rodrigues Veloso.**Teamat: um jogo educacional no auxílio da aprendizagem e crianças com autismo baseado no método aba** Universidade Federal do Piauí, Picos alcilene@ufpi.edu.br . 2017. Disponível em:<[file:///C:/Users/User/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/4955-18845-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/4955-18845-2-PB%20(1).pdf)

SCHMIDT; Carlo e et al. **Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, 18(1), 222- 235. São Paulo, SP, jan.- abr. 2016. ISSN 1516- 3687 (impresso), ISSN 1980- 6906 (on- line).

disponível :<pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/17.pdf

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2008;13(3):296-9: disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3>>

VIEIRA, Neuza Maria; BALDIN, Sandra Rosa. Diagnóstico e intervenção de indivíduos com transtorno do espectro autista. Evento 10 Enfope e 11 fopie de 15 a 19\05\2017: disponível em:<
<https://www.bing.com/search?q=diagnosticos+e+interven%C3%A7ao+de+indiv%C3%A9duos+com+trastornos+do+espectro+autista&form=EDGEAR&qs=PF&cvid=8316c9c2e6c74ee9b767efbcb5101e5d&cc=BR&setlang=pt-BR>. Acesso em: 15/04/18. ISSN-0663